



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

“O TEMPO NÃO PARA”: REFLEXÕES ACERCA DA CARGA HORÁRIA DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.

DAIANE DUPRAT SERRANO
AILANA DELLIS OLIVEIRA NOGUEIRA
ANA MARIA MORAIS COSTA

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

RESUMO

Este trabalho é motivado pelo debate da reintrodução da Sociologia como disciplina obrigatória nos currículos do ensino médio (Lei 11.684/2008). Tem por objetivo discutir a transposição didática dos conteúdos no ensino de Sociologia, considerando a carga horária disponível para a disciplina. Como empiria assenta-se na experiência de docentes e discentes de quatro escolas de nível médio do sistema público de ensino na cidade de Mossoró/RN. A leitura dessas experiências foi embasada no diálogo com ALMEIDA (2012), ARROYO (1998) MORAES E GUIMARÃES (2010), dentre outros. O estudo revela a pertinência da inserção, no debate sobre a estruturação da disciplina, de temas como: carga horária, transposição didática dos conteúdos e educação no espaço escolar para além da sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Sociologia; carga horária; didática.

RESUMEM

Este trabajo motivado por el debate causado por la reintroducción de la Sociología como disciplina obligatoria en los currículos de la enseñanza media (Lei 11.684/2008). El objetivo es discutir la transposición didáctica de los temas de la enseñanza de la sociología, considerando la carga horaria disponible para esa disciplina. Este estudio es empíricamente basado en la experiencia de docente y discente de cuatro escuelas de nivel medio del sistema de enseñanza pública en la ciudad de Mossoró/RN. La lectura de estas experiencias se basan en el diálogo teórico con ALMEIDA (2012), ARROYO (1998) MORAES; GUIMARÃES (2010), entre otros. El estudio revela la pertinencia de la inserción, en el debate sobre la estructuración de la disciplina, de asuntos como: la carga horaria, la transposición didáctica de los temas y de la educación en el espacio escolar para más allá de la sala de clases.

PALABRAS-CLAVE: Enseñanza de la sociología, carga horaria, didáctica.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi motivado pelo debate da reintrodução da Sociologia como disciplina obrigatória nos currículos do ensino médio (Lei 11.684/2008) realizado nas discussões acadêmicas no curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e pela vivência acadêmica das pesquisadoras (duas bolsistas e uma colaboradora) no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UERN).

A vivência no chão da escola e o acompanhamento ao desafio dos docentes no planejamento e no desenvolvimento das aulas de sociologia nos despertaram para a necessidade do aprofundamento sobre a transposição didática dos conteúdos do ensino de sociologia frente à disponibilidade de 50 minutos por semana numa sala de aula. Como os docentes de sociologia percebem essa questão? Quais limites e possibilidades identificam? Qual a presença deste

debate na produção acadêmica sobre o ensino de sociologia?

A partir de tais questionamentos, fizemos uma varredura na produção acadêmica disponibilizada no Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes (LABES/UFRJ), no Laboratório de Ensino de Sociologia (LES/USP) e, nos anais do I e II Seminário Estadual de Formação de Professores de Sociologia para a Educação Básica (SESEB), promovido pelo Departamento de Ciências Sociais da UERN.

Numa amostra de 200 trabalhos, encontramos dois artigos que discutem diretamente essa questão como objetivo central da investigação, a saber: **45 minutos e 20 turmas: desafios do professor de sociologia**, de autoria de Josemário da Silva Sousa, e **Desafios da articulação entre teoria e prática docente da disciplina de sociologia no Ensino Médio**, da autoria de Francisca Rosânia Ferreira de Almeida. Um pouco mais de uma dezena de trabalhos que discutem essa temática num conjunto de problemas e desafios na consolidação da oferta da disciplina. A maioria deles apresentam investigações sobre a fundamentação teórica, relevância da disciplina, currículo, livro didático, metodologias, consolidação da disciplina, temas/conteúdos, recursos didáticos, estágio, formação docente, dentre outros.

Constatamos, a partir dessa amostra, que embora se registre importante avanço na produção acadêmica sobre o ensino de sociologia, predomina nesses estudos, a ausência de reflexão sobre os desafios do (a) professor (a) na transposição didática dos conteúdos, frente à carga horária disponível para o ensino de sociologia.

Chamamos de transposição didática, o processo de articulação do conteúdo escolar por meio da conversão dos objetos do conhecimento em objetos de ensino. Este processo envolve escolhas e tratamento de temas, a partir das teorias e das práticas sociais, a sua aproximação à realidade social do estudante, recortes de conteúdos, metodologias, ou seja, planejar de que forma transformar o conhecimento a ser transmitido em conteúdo de ensino e construir um ambiente de aprendizagem eficaz.

Como possibilitar a transposição didática dos conteúdos de sociologia com a disponibilidade de 50 minutos por semana em sala de aula? A partir dessa pergunta-guia realizamos a nossa pesquisa com o objetivo de analisar a questão da carga horária destinada ao ensino de sociologia, a partir da percepção dos seus professores, no ensino médio. Buscamos identificar possíveis dificuldades encontradas em relação à carga horária da disciplina, a forma como administram o tempo para transmitir o conteúdo programado e os recursos adotados, além dos desafios de uma disciplina permeada por idas e vindas ao Ensino Médio. Para enriquecer o debate estendemos essa escuta aos estudantes sobre questões como relevância da disciplina de sociologia, permanência da sua oferta e carga horária disponível.

A metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa em tela foi a realização de entrevistas semiestruturadas com três professoras e um professor de sociologia de escolas de ensino médio da rede pública, na cidade de Mossoró/RN, quais sejam: Centro de Educação Integrada Prof. Eliseu Viana; Escola Estadual Governador Dix-Sept Rosado; Escola Estadual Prof. Abel Freire Coelho e Escola Estadual Professora Aída Ramalho Cortez Pereira. As entrevistas foram realizadas no mês de maio de 2015 e gravadas em áudio. Entrevistamos também, por meio de um questionário fechado, com alternativas previamente estabelecidas pelas pesquisadoras, sessenta estudantes, sendo quinze alunos de cada escola, considerando cinco alunos por série do ensino médio.

Por ocasião deste artigo, os docentes receberam nomes de personagens de filmes relacionados à educação. Foram selecionados quatro filmes (as sinopses serão apresentadas) cujos protagonistas são professores: 1) **Além da sala de aula** (direção Jeff Bleckner, 2011). A escola onde a professora **Stacey Bess** leciona apresenta um quadro caótico e desestimulante: sala de aula inteiramente deteriorada, falta de material escolar e de verbas para comprar o necessário, pais desinteressados e alunos rebeldes. Frente aos desafios, Stacey adota medidas inovadoras que mudarão para sempre sua percepção sobre o mundo, bem como a de todas as pessoas que convivem com ela; 2) **Ao mestre, com carinho** (direção James Clavell, 1967). O professor **Thackeray** assume uma sala de aula com adolescentes rebeldes e indisciplinados. Aos poucos, ele tenta transformá-los em adultos e decide, mais do que lhes ensinar a matéria, ensinar comportamento e postura, enfatizando isto através de leituras e da insistência para que busquem seu próprio caminho e se orgulhem de suas aparências e atitudes; 3) **Escritores da Liberdade** (direção Richard LaGravenese, 2007). A professora **Gruwell** começa a lecionar em uma escola corrompida pela violência e tensão racial. Nesse contexto, ela adota métodos diferenciados de ensino para que seus alunos se interessem pelas aulas. As aulas de **Gruwell** fazem diferença na vida dos estudantes, que passam a contar suas próprias histórias de vida. Descobrem o significado da tolerância e do respeito ao próximo, recuperando a confiança em si mesmo, resgatando a autoestima e aceitando a aprendizagem em suas vidas; 4) **O sorriso de Monalisa** (direção Mike Newell, 2003). A professora **Katharine Watson** leciona em uma das mais conceituadas universidades americanas, a Wellesley. Incomodada com o conservadorismo da universidade e da sociedade, decide lutar contra as normas socialmente impostas e acaba inspirando suas alunas a enfrentarem a sociedade e a própria família em busca de seus reais objetivos. Para isso, ela se vale de sua função

enquanto educadora para estimular suas alunas a terem uma visão crítica da realidade em que vivem.

O diálogo literário foi utilizado como sigilo ético e proteção dos sujeitos envolvidos, e também, para chamar atenção da potencialidade de filmes, músicas e poesias como recursos educativos. A opção de nomear as professoras e o professor envolvidos na pesquisa com o nome dos protagonistas dos filmes citados não busca uma aproximação de perfis sócio-psicológicos dos sujeitos investigados com as personagens, mas, sim, uma referência à luta dos docentes na busca de superação dos desafios que envolvem a educação escolar. Dentre esses, a transposição didática dos conteúdos, a organização curricular, a falta de motivação dos estudantes, a sobrecarga do trabalho docente e as iniciativas adotadas que envolvem dentre outros aspectos a perspectiva de um trabalho educativo para além da sala de aula.

O presente artigo é dividido em três partes, além da introdução e conclusão. Assim como o título, cada parte recebe como identificação pequenos extratos da música popular brasileira, continuando o diálogo literário numa rápida lembrança da potencialidade educativa que a mesma ocupa na formação da juventude ao longo dos anos. A primeira, intitulada de **“A gente só quer ser um cidadão”**, trata da questão do retorno da sociologia ao ensino médio, da sua justificativa legal a partir do pressuposto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) e da percepção dos discentes e docentes sobre a sua relevância para formação cidadã. A segunda parte, **“Tempo, tempo, tempo, apenas contigo e comigo”**, problematiza a carga horária disponível para a disciplina e a organização curricular. Por fim, a última, **“Aprendendo e ensinando uma nova lição”**, apresenta possibilidades para o ensino de sociologia, bem como a necessidade de inserção no debate sobre a estruturação da disciplina, de temas como: carga horária, transposição didática dos conteúdos e educação no espaço escolar para além da sala de aula.

“A gente só que ser um cidadão”: Relevância do Ensino de Sociologia no Ensino Médio.

A Lei 11.684 de 02 de junho de 2008 alterou o artigo 36 da Lei 9.394/96 (LDB) para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. A sociologia passa a compor o rol de disciplinas do currículo da educação básica, com oferta, na maioria dos Estados, de uma aula por semana, totalizando 40 horas por ano e 120 horas em todo o Ensino Médio.

Como é cediço, a sociologia é uma disciplina indispensável no currículo da educação básica, que, aliás, deveria estar presente desde o ensino fundamental, para que os alunos já estivessem familiarizados com este componente curricular, a exemplo do que acontece com as demais disciplinas como: biologia, história, geografia, português, matemática, etc. Além de fornecer conceitos e ferramentas para proceder à análise de questões sociais e individuais, a sociologia objetiva formar indivíduos autônomos, com uma visão crítica da realidade na qual estão inseridos, proporcionando, assim, uma percepção diferenciada da realidade e desenvolvendo a “imaginação sociológica”, que segundo Wright Mills,

[...] permite ao seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo em termos de seu significado para a vida interior e a carreira exterior de uma variedade de indivíduos. Ela permite levar em conta de que maneira indivíduos, no tumulto de suas experiências diárias, tornam-se muitas vezes falsamente cômnicos de suas posições sociais. [...] A imaginação sociológica nos permite apreender história e biografia e as relações entre as duas na sociedade. Essa é sua tarefa e sua promessa. Reconhecer essa tarefa e sua promessa é a marca do analista social clássico [...] (MILLS, p. 84).

No dizer de Moraes e Guimarães (2010), o papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais que desperta no jovem a atitude investigativa e a percepção de que a vida em sociedade é dinâmica e em constante transformação. Compreender a multiplicidade das relações sociais e as contradições da sociedade seria uma contribuição importante. Ademais:

É contribuição das Ciências Sociais, como a disciplina Sociologia para o nível médio, propiciar aos jovens o exame de situações que fazem parte do seu dia a dia, imbuídos de uma postura crítica e atitude investigativa. É sua tarefa desnaturalizar os fenômenos sociais, mediante o compromisso de examinar a realidade para além de sua aparência imediata, informada pelas regras inconscientes da cultura e do senso comum. Despertar no aluno a sensibilidade para perceber o mundo à sua volta como resultado da atividade humana e, por isso mesmo, passível de ser modificado, deve ser a tarefa de todo professor. (MORAES; GUIMARÃES, 2010, p. 48)

Isso demonstra que a efetivação das orientações para o ensino de sociologia no ensino médio representa desafios que envolvem uma reflexão teórico-metodológica e operacional para a adequação das proposituras legais, bem como decisão amadurecida e comprometida com os novos rumos que devem assumir a formação do/a estudante do ensino

médio. Com efeito, Lourenço (2008, p. 3) assevera que:

O papel da Sociologia no Ensino Médio é a desnaturalização, o estranhamento e a tomada de consciência dos fenômenos sociais. Isto é, fazer o aluno compreender a que a disciplina trabalha a complexidade do ser humano, influenciando e sendo influenciado pelas estruturas sociais, problematizando seus limites, suas contradições e suas diferentes atitudes quando sujeito a um determinado momento ou situação histórica. O seu principal mérito, resumindo, é nos conduzir a pensar sobre as relações sociais (desiguais), as diferentes culturas, as políticas existentes no meio social.

Nos termos da LDB 9.394/96, o currículo do Ensino Médio deve garantir ações que promovam a educação tecnológica básica, o entendimento do significado da ciência, das letras e, também, das artes; o processo histórico de constantes transformações pelos quais passam a sociedade e a cultura; e a importância da língua portuguesa enquanto instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania.

Para este fim, a Lei 9.394/96 estabelece, em seu artigo 36, § 1º, que os conteúdos, metodologias e formas de avaliação serão organizados sistematicamente, objetivando que o estudante, por ocasião da conclusão do ensino médio, demonstre domínio dos conhecimentos ali elencados, e, especificamente no inciso IV do artigo em tela, é destacada a obrigatoriedade do ensino das disciplinas Filosofia e a Sociologia em todas as séries do ensino médio, reconhecendo a importância desses saberes para o exercício da cidadania.

Compreendemos que a relação conhecimento de sociologia e exercício da cidadania não é imediata, nem exclusiva da sociologia e da educação escolar. Há na sociedade diversos espaços sociais de formação e vivências da cidadania que são, por natureza, espaços educativos. Reconhecemos, porém, que o princípio da educação para a cidadania como um Preceito Legal (LDB 9.394/96) representa uma perspectiva relevante para a consolidação do ensino de sociologia.

Este reconhecimento apresenta-se também no entendimento dos discentes entrevistados por esta pesquisa. Do total de 60 estudantes: 96,6% deles afirmam a relevância dos conteúdos de sociologia para a formação cidadã; 66,6% destacam que a sociologia ocupa uma posição de igual importância em relação às demais disciplinas; 70% consideram as aulas de sociologia interessantes e 83% defendem a sua continuidade no currículo do Ensino Médio.

Pode-se arguir que, embora a educação para a cidadania não chegue aos estudantes da educação básica somente por meio das práticas educativas em sala de aula, este é um espaço privilegiado. Conforme destaca o documento das Orientações Curriculares para o Ensino Médio:

[...] sempre estão presentes nos conteúdos de Sociologia temas ligados à cidadania, à política [...], a participação comunitária, com questões sobre partidos políticos e eleições, etc. Talvez o que se tenha em Sociologia é que essa expectativa – preparar para a cidadania – ganhe contornos mais objetivos a partir dos conteúdos clássicos ou contemporâneos – temas e autores. (BRASIL/MEC/SEB, 2006, pp. 104).

A partir da compreensão da relevância da Sociologia no Ensino Médio para a educação cidadã, adentramos um pouco mais no nosso campo empírico de estudo, dando ênfase aos desafios dos docentes na operacionalização do ensino de sociologia a partir da percepção dos sujeitos participantes.

“Tempo, tempo, tempo, apenas contigo e comigo”: O desafio da carga horária de sociologia.

Na maioria das escolas do Brasil, a Sociologia dispõe da carga horária de uma aula semanal em cada uma das turmas das três séries do ensino médio. Esta situação não é diferente no estado Rio Grande do Norte. De acordo com as entrevistas realizadas com os professores (as) das escolas selecionadas, o tempo de 50 minutos (45 para o período noturno) destinado à aula semanal de sociologia é muito curto para que se possa desenvolver o conteúdo planejado. Uma das nossas entrevistadas, a professora Katherine Watson afirma: “nunca dá para concluir o que foi planejado”. Além de ser um tempo insuficiente, não se pode olvidar aqui, a ocorrência de atrasos de toda sorte, como por exemplo, o deslocamento de uma sala para outra, o tempo destinado à chamada dos alunos, as interrupções por motivos variados consomem cerca de 5 a 10 minutos da aula, cuja duração é de 50 minutos. Nesse sentido, a professora Erin Gruwell, entrevistada nessa pesquisa destaca que:

[...] Um tempo curto de 50 minutos, a gente tem questões de organização, alguns passos a seguir dentro da aula, o deslocamento de uma sala pra outra, às vezes o aluno sente necessidade de sair pra tomar água, ir ao banheiro...o próprio professor também. Aí acontecem os atrasos da chegada à sala de aula. Tem questão burocrática mesmo, de ter

que fazer chamada, às vezes organizar a sala pra alguma atividade que o professor queira fazer... Enfim, todo dia perde-se em média de 5 a 10 minutos com trabalhos de organização de sala, pra poder, o conteúdo em si, começar.

Na esteira desse raciocínio, Stacey Bess afirma em sua entrevista que:

[...] é insuficiente tanto a carga horária completa quanto na semana, porque o conteúdo programático é bem extenso e a gente não consegue nem dar a metade e também quando a gente tenta usar outros recursos metodológicos, como audiovisual e etc., a gente perde certo tempo na aula. E quando se perde esse tempo compromete mais ainda o andamento das atividades. E, também, a carga horária total de 40 horas, tendo em vista a carga horária de português que é 120 ao ano, quer dizer, é 1/3, não é? Sociologia é 1/3 de português e isso torna a sociologia, no quadro das outras disciplinas, inferiorizada.

As professoras Katherine Watson, Erin Gruwell e Stacey Bess ratificam o que dizem os autores: Silva, Almeida e Santos (2014, p 114) quando esses afirmam:

Um dos fatores que contribuem para a desvalorização da sociologia é sua reduzida carga horária, 1h/aula semanal. Se compararmos a carga horária desta disciplina com outras, como por exemplo, matemática e português, vemos como a sociologia está em desvantagem.

É relevante sublinhar que a reduzida carga horária impossibilita o cumprimento dos conteúdos propostos nas Orientações Curriculares para o ensino médio. O documento apresenta além dos conteúdos da sociologia, conteúdos da Antropologia e da ciência Política. O mesmo ocorre com relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que:

Estabelece como uma das finalidades centrais do Ensino Médio a construção da cidadania do educando, evidenciando, assim, a importância do Ensino de Sociologia no Ensino Médio. Tendo em vista que o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, logo permite instrumentar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social. (BRASIL, 1999, p. 318).

Ademais, é incomum encontrar professores que completem sua carga horária lecionando apenas a disciplina de Sociologia e, especialmente, concentrá-la em uma única escola. A reduzida carga horária da Sociologia impõe aos professores que queiram lecionar apenas esse componente curricular a trabalhar em outras escolas para poder completá-la. Para o professor Thackeray, a questão não se resume apenas ao tempo de 50 minutos destinados à sociologia, que para ele não é ideal para nenhuma disciplina. Situa a sua fala num contexto mais amplo da sobrecarga de atividades do professor:

Não necessariamente está com 50min por aula, mas a sobrecarga de horas/atividades que o professor é obrigado a ter, para poder manter o seu padrão de qualidade de vida e isto prejudica o desempenho de sala de aula, porque 50min é um tempo cronológico, não é um tempo absoluto, o tempo pode ser relativo de acordo com o que você esteja fazendo. [...] Por exemplo, se nós tivéssemos 3hs/aulas para sociologia, daria 150min, teoricamente seria um tempo suficiente, eu daria três aulas para sociologia, mas se nós tivéssemos três aulas consecutivas em uma turma, seria o ideal também? Não seria. Então, nem tanto, nem tão pouco. A questão é quantas vezes você entra por semana, quanto tempo você tem para fazer os seus planejamentos e como é o modelo escolar que a gente tem. Então, se a gente tivesse três aulas por semana para sociologia, ou mesmo que fossem cinco aulas, para igualar com matemática e português, nós resolveríamos o problema? Estaríamos formando pessoas mais críticas, mais aptas ao estudo da sociologia? Não resolveríamos. O problema não se passa apenas pelo fato de ser 50min ou uma aula, há uma série de outras situações que envolvem a forma como está acomodada a educação, o modelo educacional em que nós vivemos.

A fala do professor Mark Thackeray nos direciona para a reflexão de que a questão não é a interrupção da aula em si e o tempo cronológico, mas a impossibilidade do professor realizar o que foi planejado, para retirar dúvidas e debater os assuntos ministrados em aula com a participação dos estudantes. Ele argumenta que se a sociologia tivesse a mesma carga horária de história, duas aulas semanais, seriam 80 aulas por ano, 240 no ensino médio. Diante disto, ele afirma: "O professor teria mais tempo no seu planejamento para incluir uma pesquisa, para fazer o estudo de alguns conceitos, para desenvolver projetos científicos na área de humanas, ficaria menos engessado". Como principal motivo, considera a forma como é estruturada a avaliação do ensino médio. Em sua entrevista, o professor afirma:

[...] A presença da sociologia no currículo do ensino médio é recente, há alguns anos não existia prova de vestibular com sociologia, não existia a obrigatoriedade da disciplina sociologia no ensino médio. Eu, por exemplo, quando fiz meu ensino médio, não tinha sociologia nem filosofia. Então, por ser uma disciplina que foi implantada recentemente, por ter uma carga horária diminuída, por ter um número de questões cobrado com menor quantidade no ENEM, por ser à educação voltada para o ENEM e para a concorrência do ensino superior, então, todos esses fatores fazem com que a disciplina tenha um menor apelo, mas isso é uma questão estrutural, não é um preconceito com a sociologia, porque se você fosse fazer o ENEM e você tivesse que fazer uma prova com 45 questões de matemática, e outra com oito questões de sociologia, você ia estudar mais o quê? Matemática ou sociologia? Se você quer passar, vai estudar mais matemática, é óbvio. Então, a estrutura do modelo educacional é feita para se valorizar mais a matemática em detrimento das ciências humanas, em detrimento da sociologia, da história.

Seu posicionamento reafirma o que diz Almeida (2012), “esse modelo de carga horária inviabiliza a promoção de debates e discussões mais aprofundadas durante as aulas, pois diminuem a participação dos alunos, decrescendo assim o estímulo ao pensamento crítico em relação aos temas propostos”.

Como consequência, tem-se, de forma uníssona, a reclamação da sobrecarga de trabalho entre os professores da disciplina, diretamente relacionada ao grande número de turmas que precisam assumir para completar sua carga horária; ou seja, quanto mais turmas, mais questões burocráticas a serem resolvidas (questões relacionadas ao preenchimento dos diários de classe, frequência dos alunos, notas, conteúdos, etc.). Não bastassem todos esses desafios, o professor também precisa se submeter aos diferentes regulamentos dos vários estabelecimentos em que leciona, a exemplo das questões relacionadas aos horários das aulas, calendário das atividades, planejamento, avaliações, dentre outras.

“Aprendendo e ensinando uma nova lição”: A transposição didática dos conteúdos de Sociologia no Ensino Médio

Inferimos, a partir das leituras realizadas sobre a sociologia no Ensino Médio e da escuta aos docentes – sujeitos desta pesquisa – que a transposição didática dos conteúdos de sociologia se torna uma tarefa bastante desafiadora frente à reduzida carga horária e, conseqüentemente, ao acúmulo de turmas que o professor é obrigado a assumir. Embora todos (as) entrevistados (as) concordem que a mudança na carga horária seria muito satisfatória, acreditam que esta possibilidade é muito difícil de ser concretizada; porém nas suas falas apontam algumas sugestões. Para a professora Stacey Bess, uma mudança em curto prazo poderia ser com um novo modelo de organização do ensino médio.

Eu acho que a carga horária teria que ser aumentada para, pelo menos, duas horas e deveria ser no sistema de módulos: você paga sociologia, a carga horária completa, depois você vai pagar filosofia, a carga horária completa, depois paga biologia... A oferta por módulos possibilitaria que a gente não ficasse com os conteúdos fracionados.

A professora Stacey também argumenta que o aumento da carga horária afirmaria a relevância da disciplina para além do ENEM e, desse modo, poderia haver, por parte dos estudantes e dos professores de outras disciplinas, maior valorização.

Os meninos dizem: “ah, eu não vou assistir aula, só tem uma aula!”. Ano passado houve turmas, em que eu só vi o aluno nos últimos dias de aula. Por quê? Porque só era uma aula, ele achava que podia perder e no final do ano fazer as provas e ser aprovado. Ele desvaloriza a disciplina por isso, porque é só uma aula. Até um professor se dirigiu a mim e se referiu à sociologia dizendo que tanto faz o professor se empenhar ou não em dar uma boa aula de sociologia porque sociologia não cai no ENEM. Eu penso que dessa forma esse professor não estaria contribuindo para a formação dos alunos, porque o objetivo do ensino médio não é só preparar para o ENEM, não é essa minha visão. A questão é, se os alunos não querem nada mesmo, eu vou continuar insistindo neles? Eu percebo que a sociologia diz que sim, que devo continuar insistindo neles. Porque se eles não querem é porque não sabem que necessitam daquilo ali. Então eu não posso desistir desse aluno. Eu tenho que continuar insistindo nele, mesmo dando conteúdo que não vai cair no ENEM. Esta é a minha visão.

A professora Erin Gruwell também acredita que a mudança da carga horária é algo difícil de acontecer, uma vez que envolve toda uma estrutura já sedimentada. Segundo ela:

[...] essa mudança de carga horária ela é mais difícil de acontecer porque ela é uma coisa que pra você mudar, você tem que mexer com todas as outras disciplinas, tem que mexer com todo o sistema, aí vai envolver salário, vai envolver mais tempo em sala de aula, vai envolver a vida particular de vários outros professores, [...] isso significa que todos os professores terão que passar mais tempo na escola também. Nesse caso, o professor que trabalha dois horários, como é que fica? Vai aumentar o período dentro da escola, tem que tirar carga horária de outras disciplinas, como por exemplo, de português e matemática que são disciplinas com maior carga horária para poder encaixar a aula de sociologia. Aí, como é que fica? Porque sociologia tem uma aula, mas filosofia, espanhol e artes também. Então, mudar a carga horária de sociologia abre espaço pra mudança das outras disciplinas que também são só uma aula, então como é que faz essa mudança? É uma mudança necessária, importante, mas é a mais difícil de acontecer”.

Com efeito, Gruwell complementa seu argumento no sentido de que se não há uma carga horária suficiente, deve-se encontrar alguma forma para superar essas dificuldades relacionadas ao tempo em sala de aula e aproveitar da melhor forma possível o tempo disponível para a disciplina. Para ela, “isso é algo muito singular, vai depender muito de cada realidade. É um trabalho que só o professor vai ter como se encontrar nesse sentido, mas, no geral, a perda é inevitável”. Na sua entrevista, a professora Gruwell é enfática ao afirmar que:

“[...] dentro das aulas de sociologia, quando você pensa numa inovação, ela, de cara, vai lhe dar muito trabalho. Vai ter primeiro toda aquela fase de adaptação pra poder você tentar repetir alguma coisa. Até em ler os conteúdos é difícil, porque se você for esperar o tempo do aluno pra ele ler, você gasta umas três, quatro aulas pra terminar de ler um capítulo. Porque eles têm ritmos de leituras diferentes. Então tem aluno que lê muito devagar, para você esperar o tempo desse aluno, você demanda muito da aula: e vamos marcar aqui, vamos marcar ali, aí o aluno não acompanha porque tá com a cabeça na lua, no Facebook...”

É necessário ressaltar que, na transposição de conteúdos e práticas de ensino de nível superior para o ensino médio, é indispensável que o professor faça as adaptações necessárias para ajustar o conteúdo a ser lecionado, uma vez que se trata de um público de adolescentes e jovens que nunca tiveram contato com a disciplina. Daí a importância de se valer de estratégias de ensino e fazer os recortes necessários. A grande questão é que a carga horária de uma aula semanal e a indisponibilidade de carga horária para o professor realizar atividades extra sala de aula comprometem sobremaneira a tarefa do professor, como destaca a professora Katherine Watson, que defende a necessidade de uma mudança geral do currículo no Ensino Médio.

Tudo tem que ser enxugado, você não pode usar, por exemplo, diversos recursos áudio visual. Filmes têm que ser pequenos. [...] Se você for usar um projetor, você tem que usar tempo para montar. O tempo que você usar para montar o projetor você já está tirando tempo da aula, então influencia em praticamente tudo. [...] Só pode ser feita uma mudança na quantidade de hora/aula se fizer uma mudança no currículo geral da escola. Existem várias disciplinas que não contemplam a hora/aula, por isso é necessário que haja uma mudança, talvez se acrescentando mais uma aula por dia.

Ainda sobre o desafio da transposição didática de um conteúdo denso para ser trabalhado em 50 minutos, em uma única aula semanal, a professora Gruwell enfatiza:

[...] na tentativa de melhorar a prática, eu creio que outra coisa seria [...] mais tempo fora de aula, como, por exemplo, é... você ter mais tempo para discutir com a coordenação pedagógica, por exemplo, a dificuldade que teve numa determinada aula, ou em pensar num modo de auto avaliação do aluno, de ouvir o aluno; e fazer uma análise mesmo da própria prática [...]. Mas eu creio que esse tempo de planejamento, de repensar, de dialogar sobre a aula, de anotar as características de cada turma, que a gente não tem... E, assim, [...] ir pensando em práticas, em trocas de experiências: “ah, eu fiz isso na minha turma e deu certo”. Eu acho que é uma questão mesmo de tempo de pesquisa e diagnóstico do professor, eu creio até que dentro da nossa formação isso deveria ser visto de uma forma mais atenciosa.

Gruwell destaca, ainda, que o planejamento é um forte aliado do professor; trata-se de um instrumento muito importante para a prática educacional:

Agora dentro das dinâmicas de sala, a gente tem como fazer algumas coisas, que é tentar fazer essas avaliações e organizar bem o planejamento, porque, como é só uma aula por semana, então, cada aula é uma coisa a ser feita. Então, o planejamento é de fundamental importância pra que dê certo, e mesmo assim nem sempre dá, sempre tem os imprevistos. Por exemplo, se você tiver 10 aulas, você não conta com as 10 aulas, você conta com 7 ou 8 aulas, porque você tem que tirar o dia da avaliação, você tem que tirar um dia pra passar os vistos, você tem que tirar um dia de entregar as avaliações do aluno e conversar com ele sobre isso [...]. Então, o máximo, estourando, que você consegue dar dentro da aula de sociologia são dois capítulos por bimestre, e isso já fica muito apertado. É muito conteúdo pro aluno.

Destarte, o planejamento das atividades escolares, incluindo aí, os conteúdos, objetivos, metodologias e avaliações, é uma ferramenta importante, já que, através dele, o professor pode se utilizar de estratégias que aproximem o real do ideal, no cotidiano da sala de aula. É no planejamento que ocorre a tomada de decisões acerca da transposição didática dos conteúdos, quais conceitos são fundamentais e aproximam-se da realidade social do estudante e possibilitam um diálogo crítico e criativo na aplicação desses conceitos.

Outro aspecto a ser considerado na carga horária docente é a necessidade da educação no espaço escolar para além da sala de aula, ou seja, o professor deve buscar alternativas às formas tradicionais de transmissão dos conteúdos. Mesmo que a aula expositiva (dentro da sala) ainda seja o método mais utilizado, ele não é o único. Os professores podem (e devem) trabalhar os conteúdos de sociologia de diversas formas, como por exemplo, realizar pesquisas de campo, como meio para compreensão e desnaturalização dos fenômenos sociais e, ainda, para aproximar o aluno da pesquisa científica. Bem como o exercício da interdisciplinaridade na abordagem de conteúdos que se interpenetrem com as outras áreas do conhecimento humano, proporcionando a construção de olhares diferenciados sobre a realidade na qual esses jovens estão inseridos.

Neste sentido, Arroyo (1998, p. 147) concebe a educação como uma esfera que ultrapassa os muros da escola. Em sua concepção alargada e universal de educação, o autor estabelece que, *in verbis*:

[...] a escola não é o único espaço de formação, de aprendizado e de cultura. O fenômeno educativo acontece em outros espaços e tempos sociais, em outras instituições, nas fábricas, nas igrejas e terreiros, nas famílias e empresas, na rua e nos tempos de lazer, de celebração e comemoração, no trabalho [...] a educação acontece de formas muito diferenciadas.

O fato é que, independentemente da metodologia a ser aplicada em sala, o professor deve estar devidamente preparado para dar a sua aula, com estratégias de ensino já previamente consolidadas antes de iniciá-la. Este processo ocorre por meio da preparação do professor em espaço extra sala de aula que precisa ser considerado na carga horária do docente de sociologia.

Conforme Katherine Watson, o professor de sociologia tem um papel protagonista no que diz respeito à potencialização dos conteúdos a serem lecionados em sala. Em sua opinião, os professores devem estar em constante formação e bem preparados para que a disciplina consiga fluir e atingir a sua finalidade: "Eu acho que para a gente ter melhorias na educação hoje, só formando novamente os profissionais que nós já temos", assevera Watson.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo podemos perceber que as dificuldades vivenciadas pelos docentes de sociologia no ensino médio estão intrinsecamente ligadas à trajetória intermitente da disciplina e ao seu recente retorno, através da Lei 11.684/2008, como componente curricular obrigatório. Desta forma, a inserção nos objetivos do ensino médio, do princípio de educar para a cidadania, ainda não está assimilado como tarefa pedagógica fundamental no campo educacional que prioriza, sobretudo, a formação para o acesso ao Ensino Superior, materializada nas provas do ENEM, cuja estrutura direciona o senso comum para a valorização de determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras.

Verificamos, na presente pesquisa, que os docentes de sociologia no ensino médio de escolas públicas em Mossoró realizam um esforço de desempenhar o seu trabalho com qualidade, afirmando a presença da sociologia na escola. Defendem a ampliação da carga horária em sala de aula, mas também, a garantia de carga horária para atividades no espaço escolar e extramuros da escola, cumprindo com o preceito legal da contribuição dos conteúdos de sociologia para a formação cidadã e compreensão da realidade social.

Percebem que essa carga horária para além da sala de aula contribuiria para a realização de um planejamento transdisciplinar e integrador, com vistas a congregar professores de outras disciplinas na perspectiva de desenvolver atividades em conjunto, bem como os próprios alunos – no que diz respeito às metodologias a serem aplicadas nas aulas, aos recursos didáticos disponibilizados, aos objetivos a serem alcançados no decorrer da disciplina, e também, sobre às formas de avaliação que irão se valer os professores. Defendem, também, que o planejamento deve ser visto como um facilitador da prática pedagógica.

Por derradeiro, compreendemos, a partir das entrevistas, que os docentes alegam a necessidade de algumas condições para o desempenho satisfatório da sua ação como, por exemplo: condições dignas de trabalho – englobando tempo para estudar e preparar as aulas, formação continuada e estímulo para a pesquisa científica, condições materiais para comprar livros e se atualizar, reconhecimento e valorização profissional para que possam ter uma vida digna, igualmente as demais profissões. Afinal, é o professor que forma o advogado, o engenheiro, o médico, o dentista, enfim, todas as profissões. Em que pese à sociologia ainda ocupar uma carga horária reduzida em relação às demais disciplinas, sua presença deve ser consolidada em definitivo no currículo do ensino médio por todas as razões aqui já elencadas à exaustão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Francisca Rosânia Ferreira de. Desafios da articulação entre teoria e prática docente da disciplina de sociologia no ensino médio. Revista Percursos, v. 13, n. 01, p. 154 - 167 jan/jun. Florianópolis, 2012.

ARROYO, Miguel, **Trabalho, educação e teoria pedagógica**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB. Lei 9.394/96. Brasília, 1997.

_____, **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** – Bases Legais, Brasília: MEC, 2000.

_____, **Orientações Curriculares para o Ensino Médio** – Ciências Humanas e suas Tecnologia. Brasília, MEC/SEB: 2006

LOURENÇO, Júlio César. **Finalidades, Metodologias e Perspectivas do Ensino de Sociologia** no Ensino Médio. Revista Habitus UERJ – Period.: Semestral / ISSN: 1809-7065 / Vol. 6 - Nº 1 – 2008.

MORAES, Amaury Cesar. GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. **Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia**. In: MORAES (coord.) Sociologia: ensino Médio. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2010.

[1] Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade do estado do Rio Grande do Norte. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais – GRUESC.

[1] Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade do estado do Rio Grande do Norte. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

[1]Doutora em Ciências Sociais e Professora do Curso de Ciências Sociais da Universidade do estado do Rio Grande do Norte – DCSP/FAFIC/UERN. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais – GRUESC.

Recebido em: 04/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: